



O USO DE METÁFORAS COMO ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA EM CHARGES POLÍTICAS

João Marcos Brito Vieira ¹, Leandro de Assis Nascimento dos Santos², Maria Gabrielle Fernandes Vieira de Sousa³, Gustavo Reis Nascimento⁴, Beatriz Fatima Silva Mota⁵



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p4326-4344>

Artigo recebido em 6 de Agosto e publicado em 6 de Outubro de 2025

ARTIGO ORIGINAL

RESUMO

Investigamos, neste trabalho, o papel da metáfora como estratégia argumentativa na construção do humor crítico presente no gênero charge. Partimos da premissa de que a metáfora transcende o mero recurso estilístico, atuando como um mecanismo cognitivo essencial para a estruturação de conceitos e ideias. Nosso objetivo principal foi analisar como a metáfora contribui para a construção do humor crítico, utilizando-se da ambiguidade e da ironia para veicular críticas sociais e políticas. Em termos metodológicos, nossa pesquisa se caracteriza como bibliográfica e teórico-analítica, de cunho qualitativo, conforme Gil (2002) e Lakatos e Marconi (2017). Por meio das análises feitas, buscamos investigar o papel da metáfora no humor crítico enquanto estratégia argumentativa. Para a análise de dados, utilizamos charges sobre o atual momento da política brasileira, focando em temas polêmicos. O embasamento teórico se deu com base nas obras de autores como Ribeiro (2007), Lakoff e Johnson (1980), Deleuze e Guattari (2002), Gibbs (1994), Ortony (1993), Bakhtin (1992), Perelman (1999), Moisés (1993), Koch (2011) e Fiorin (2018). Assim, concluímos que a metáfora é uma ferramenta que contribui para uma maior empatia entre o indivíduo e o humor crítico, pois a diversidade de sentidos construídos em decorrência deste recurso auxilia o leitor a perceber o humor como uma forma de expressão e crítica às situações vividas. Ao ser utilizada como estratégia argumentativa, a metáfora torna o humor crítico acessível, sendo um recurso que contribui significativamente para a construção de um olhar crítico

¹ Graduado em Letras (UEMA) – britodbz0007@gmail.com

² Mestre em Letras (UFMA) – leandro.assis.santos@hotmail.com

³ Mestre em Ciências Sociais (UFABC) – mariagfvs19@gmail.com

⁴ Mestrando em Literatura e Linguística (UFNT) – gustavoreisnascimento2@gmail.com

⁵ Bacharel em Direito (Estácio) - beatrizmota.adv@hotmail.com



e reflexivo sobre o mundo.

Palavras-Chave: Metáfora. Estratégia Argumentativa. Humor Crítico. Charges.

THE USE OF METAPHORS AS AN ARGUMENTATIVE STRATEGY IN POLITICAL CARTOONS

ABSTRACT

In this study, we investigate the role of metaphor as an argumentative strategy in the construction of critical humor within the genre of political cartoons. We begin with the premise that metaphor transcends a mere stylistic device, functioning as an essential cognitive mechanism for the structuring of concepts and ideas. Our main objective was to analyze how metaphor contributes to the construction of critical humor, making use of ambiguity and irony to convey social and political criticism. Methodologically, our research is characterized as bibliographic and theoretical-analytical, with a qualitative approach, in accordance with Gil (2002) and Lakatos and Marconi (2017). Through the analyses conducted, we sought to investigate the role of metaphor in critical humor as an argumentative strategy. For data analysis, we examined political cartoons addressing the current moment of Brazilian politics, focusing on controversial topics. The theoretical framework was based on the works of authors such as Ribeiro (2007), Lakoff and Johnson (1980), Deleuze and Guattari (2002), Gibbs (1994), Ortony (1993), Bakhtin (1992), Perelman (1999), Moisés (1993), Koch (2011), and Fiorin (2018). Thus, we conclude that metaphor is a tool that fosters greater empathy between the individual and critical humor, as the diversity of meanings constructed through this resource helps readers perceive humor as both an expressive form and a critique of lived situations. When employed as an argumentative strategy, metaphor renders critical humor more accessible, significantly contributing to the development of a critical and reflective perspective on the world.

Keywords: Metaphors. Argumentative Strategies. Critical Humor. Political Cartoons.

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





INTRODUÇÃO

Quando abordamos a metáfora, podemos destacar que ela não está ligada somente à linguagem, mas também ao pensamento humano. Um dos grandes desafios para transmitirmos ideias complexas é ser preciso, técnico e completo durante a transmissão. Podemos destacar a metáfora como muito mais que um recurso linguístico; ela é a maneira como estruturamos conceitos e ideias. Ribeiro (2007, p. 346) comenta que a metáfora representa o emprego de um vocabulário fora do seu significado básico, em virtude de uma semelhança.

Tratar a metáfora como um fenômeno cognitivo nos leva a concebê-la como um mecanismo conceitual pelo qual não apenas falamos, mas também pensamos. Ao ter acesso às experiências humanas, a metáfora se torna um recurso capaz de ampliar nossa capacidade de pensar e de expressar nossos pensamentos de diferentes formas. Ao ser considerada um mecanismo conceitual, a metáfora é, portanto, um recurso mental que nos permite acessar e processar as experiências de outras pessoas, de tal forma que podemos pensar de outras maneiras e expressar nossos pensamentos de forma mais ampla e diversificada. No entanto, a metáfora não se caracteriza como um mero recurso da linguagem, que pode ou não ser usado. Ela é uma estrutura inerente à linguagem, que está presente em todos os seus usos. Ela é, portanto, um elemento indispensável da linguagem e não pode ser considerada como um mero recurso ou como um desvio do sentido.

Buscamos, neste trabalho, analisar questões sobre o humor crítico presente em charges, tendo como foco a crítica a assuntos polêmicos. Dentre as charges escolhidas, optamos por: “Um discurso sem pé nem cabeça”, que faz referência ao discurso do presidente Jair Bolsonaro no dia 24 de abril de 2020, fazendo um balanço da pandemia da COVID-19 no Brasil; “Armas para todos/Uma luz no fim do túnel”, que trata sobre o assunto polêmico do porte de armas; e, por fim, “Em estado grave”, que levanta questões sobre a economia brasileira estar em estado grave, devido à atual situação de emergência econômica.

No humor crítico, a metáfora utiliza a analogia entre dois objetos, de forma a enfatizar as diferenças e semelhanças entre eles, além de ridicularizar ou criticar a



situação ou o objeto em questão. Ela ajuda também a destacar as inconsistências em um argumento ou a mostrar como o argumento pode ser interpretado de forma diferente. Diante do presente eixo epistemológico, surgiu o interesse de levantar reflexões sobre o uso da metáfora, buscando responder à seguinte questão: Como a metáfora, enquanto estratégia argumentativa, contribui para a construção do humor crítico?

Em termos metodológicos, em relação ao meio, nossa investigação, conforme Gil (2002), é bibliográfica, visto que nos fundamentamos nas principais literaturas que tratam do campo de estudo da metáfora, da argumentação e da análise de gêneros textuais. Para isso, realizamos leituras teóricas, fichamentos e resenhas críticas que embasaram a análise dos dados ocorrentes no *corpus* selecionado.

Quanto ao fim, esta pesquisa se caracteriza como teórico-analítica, de cunho qualitativo, com base em Lakatos e Marconi (2017), pois descreve, analisa e discute o papel da metáfora enquanto estratégia argumentativa na construção do humor crítico. O *corpus* desse estudo foi constituído por três charges políticas veiculadas em mídias digitais (Google e Facebook) durante um período de grande polêmica no cenário político nacional, focando em temas sensíveis. As charges escolhidas para análise foram: "Um discurso sem pé nem cabeça," "Armas para todos/Uma luz no fim do túnel," e "Em estado grave."

Após a constituição do *corpus*, procedemos à descrição e à análise do objeto (a metáfora nas charges). Para isso, foi necessário seguir, essencialmente, três etapas: (i) – Teórica: a partir da literatura de autores como Lakoff e Johnson (1980) e Perelman (1999), discutimos a metáfora no âmbito conceitual, cognitivo e argumentativo; (ii) – Analítica: nessa etapa, analisamos os dados, isto é, identificamos as metáforas conceituais e os recursos linguísticos/visuais empregados, discutindo como eles atuam na construção do humor e da crítica política; (iii) – Conclusiva: ao final das análises, apresentamos as conclusões sobre a eficácia da metáfora como estratégia argumentativa no humor crítico, visando alcançar o objetivo principal dessa investigação: a reflexão sobre o poder argumentativo da linguagem em gêneros como a charge.

Assim, o presente trabalho alinha-se de forma progressiva a partir da seguinte organização: está estruturado em seis seções. A primeira se caracteriza pela introdução,



onde abordamos pontos relevantes acerca do uso da metáfora na comunicação humana, bem como os objetivos traçados para a construção deste trabalho. Na segunda seção, tratamos sobre a definição de metáfora, segundo alguns autores, e sua construção enquanto técnica argumentativa. Na terceira seção, abordamos o estudo da argumentação. Na quarta seção, apresentamos concepções sobre o humor crítico. Na quinta, temos a análise de dados. Por fim, na sexta seção, apresentamos as considerações finais.

A DEFINIÇÃO ACERCA DA METÁFORA

A metáfora, enquanto técnica argumentativa na Teoria da Argumentação, constitui-se com base na retórica grega, como fruto de uma analogia. É preciso esclarecer que a metáfora não se constitui como uma simples figura de linguagem. O filósofo grego Aristóteles afirma que:

Uma aprendizagem fácil é, por natureza, agradável a todos; por seu turno, as palavras têm determinado significado, de tal forma que as mais agradáveis são todas as palavras que nos proporcionam também conhecimento. É certo que há palavras que nos são desconhecidas, embora as conheçamos no seu sentido apropriado; mas, sobretudo a metáfora que provoca tal (Aristóteles, 384-322 a.C. 2005, p. 265).

Na perspectiva de Aristóteles, a metáfora surge como a transposição de uma palavra de um sentido concreto para outro sentido mais amplo ou menos concreto. A metáfora comparece, portanto, como uma espécie de estratégia de comunicação que se caracteriza por uma substituição de um termo concreto por outro, que se encontra em um plano mais não-verbal, mais abstrato ou mais figural. Desse modo, o recurso linguístico pode ser definido como um movimento de transferência de significado de uma palavra para outra.

O autor defendia que a formulação da metáfora em termos retóricos depende do talento e do exercício. Em termos simples, podemos afirmar que a metáfora consiste em um recurso usado na linguagem para expressar ideias de forma criativa. Quando bem utilizada, a metáfora pode ser uma forma eficaz de expressar uma ideia de forma clara e concisa. No entanto, para fazer um bom uso da metáfora, faz-se necessário ter um bom senso de criatividade.



Ao longo dos séculos, o homem tem utilizado a metáfora como forma de se comunicar, de expressar suas ideias e sentimentos. Segundo Lakoff e Johnson (1980), o recurso linguístico se trata de uma forma de conceitualização, usada para expressar a experiência humana. Para os autores, a metáfora pode ser usada de maneira inconsciente, na medida em que é parte do modo como pensamos e concebemos o mundo. Trata-se de um processo cognitivo, guiado pelo princípio de analogia. Portanto, é um processo de compreensão de um domínio de experiência por meio de outro domínio.

Deleuze e Guattari (2002) creem que a centralidade conferida à metáfora destitui o conceito de sua criação própria e, com isso, o pensamento perde o movimento do real. Eles argumentam que, ao dar centralidade à metáfora, o conceito deixa de ser criado pelo pensamento e, portanto, deixa de ser uma representação do real. Em vez disso, a metáfora pode ser usada para criar um novo conceito que se trate de uma distorção do real. A centralidade atribuída à metáfora impossibilita o conceito de criação própria, o que impede o pensamento de capturar o movimento do real. Por outro lado, os autores defendem que a metáfora condiz com uma forma de pensar o real e, portanto, de criar conceitos. Para eles, o conceito não é algo dado, mas sim algo construído através do movimento da metáfora.

Segundo Gibbs (1994, p. 245), o conceito de metáfora é bastante amplo e, por vezes, é difícil determinar se existe uma verdadeira metáfora. O autor submete a ideia de que é necessário considerar a metáfora como um processo de percepção, de acordo com as categorias mentais a que se tem acesso.

Gibbs (1994, p. 248) afirma que “as relações predeterminadas entre os domínios e categorias mentais de cada um deles, servem de guia para a interpretação de metáforas”. Desse modo, a metáfora é uma hipótese cognitiva que se apoia em relações pré-estabelecidas entre domínios do conhecimento. O autor usa a metáfora para explicar a diferença entre a forma como as pessoas pensam sobre si mesmas e a forma como elas são vistas pelos outros. Portanto, trata-se de um processo de comparação entre dois objetos, onde um objeto é entendido a partir do outro. A metáfora, vista isso, pode ser definida como uma forma de pensar que usa a comparação para tornar o conceito mais compreensível.



A metáfora, segundo Ortony (1993), configura-se como uma figura de linguagem que se baseia na semelhança entre dois objetos ou eventos, e é utilizada para realçar a semelhança entre esses objetos e eventos, sendo uma modalidade de conexão que agrega informação sobre a semelhança, e não sobre uma categoria de semelhança. O narrador pode usar a metáfora como um estratagema para atingir o objetivo de expor informação sobre a semelhança, e não sobre a categoria.

Para Bakhtin (1992), a metáfora trata de uma relação de conceitos distintos, que apresentam uma interseção com uma relação semântica entre eles, que é o ponto de encontro entre os conceitos. Ele aponta que a metáfora é carregada de conotações do conceito que é citado, portanto, ela cria uma nova relação de significação, de acordo com o conceito citado. Para Freud, a metáfora se caracteriza pela representação de um conceito por outro conceito, onde, diferentemente da analogia, não há nenhuma relação objetiva entre os conceitos comparados.

Para Perelman (1999), a metáfora é uma forma de comunicação, que é parte de um sistema de comunicação, que é parte de uma linguagem, que é parte de um sistema de linguagem, que é parte de um sistema social, que é parte de um sistema de sistemas sociais, que é parte de um sistema social.

Para Moisés (1993), a metáfora, caracterizada como “máscara”, “embuste”, “abstração”, é uma expressão de pouca densidade semântica, devido à sua capacidade de permitir ao leitor um processo de reconstrução que o permita chegar à mensagem. Para o autor citado, a metáfora é uma fonte de questionamento, uma vez que, ao abrir-se para a interpretação, ao invés de fechar, pode ser um instrumento de conhecimento da realidade. Ele ainda afirma que ela é uma ferramenta de construção de significados, um processo de reflexão, de movimentação e de criação. Para o autor, a metáfora é “um conjunto complexo de equações semânticas que se organizam em torno de um tema, da ideia central de um texto” (MOISÉS, 1993, p. 71).

A metáfora é, portanto, uma equação de sentidos que se relacionam entre si, que se organizam em torno de um tema, uma ideia central, um enunciado. Ela é uma ferramenta de reflexão, de movimentação e de criação, uma vez que, ao abrir-se para a interpretação, longe de fechar o sentido, pode ser um instrumento de conhecimento da realidade.



A metáfora seria, portanto, um recurso universal, presente em qualquer espécie de linguagem verbal, sempre que se manifesta, de alguma forma, um elemento de surpresa, de transposição, de equívoco, de quebra de expectativa. Ainda segundo Moisés (1993), a metáfora seria “o resultado de uma relação de alteridade, de uma relação de contraste entre dois planos de experiência”. Dessa forma, a metáfora não consistiria em um recurso linguístico, mas seria o próprio ato de comunicação. Ela seria, por isso, um recurso de natureza psicológica, uma vez que a função de comunicação é exclusivamente psicológica. A metáfora é, assim, um instrumento universal da linguagem, uma vez que ela é o próprio ato de comunicação.

O ESTUDO DA ARGUMENTAÇÃO

Podemos definir a argumentação como um recurso da linguagem usado na defesa de um ponto de vista acerca de um assunto em situações de debate e discussão de ideias. A argumentação pode ser representada como forma de persuadir ou convencer alguém a aceitar ou compartilhar a sua opinião. No campo da linguística, estudiosos abordam a função social da linguagem, já que esta apresenta grande necessidade de se comunicar, de se relacionar e de atuar sobre os indivíduos de diversas formas, ou seja, interagir por meio do seu discurso.

Nesta perspectiva, a linguagem, além de ser um instrumento para a comunicação, é também uma ferramenta de poder. Por meio dessa ferramenta, o indivíduo pode influenciar o pensamento e o comportamento dos outros. A língua não é neutra, mas sim um meio de exercer influência; por isso, os estudos linguísticos têm dado tanta atenção às suas funções sociais.

Essa abordagem leva em conta o contexto em que ocorre o uso da língua, assim como os fins e os efeitos que o seu uso tem para o locutor e o ouvinte. Desta forma, partindo-se da premissa de que a língua tem função social, podemos dizer que essa ferramenta é utilizada para fins comunicativos, pois permite ao indivíduo expressar suas ideias, informações, sentimentos e/ou opiniões, bem como é capaz de influenciar, motivar ou persuadir os outros. Em outros termos, a língua é usada como meio de interação social, já que permite que os indivíduos estabeleçam relações com outras pessoas, troquem experiências, conhecimento e informação, e façam parte de um grupo



ou comunidade.

De acordo com Koch (2011), a linguagem é um meio de ação que pode ser usado para influenciar o mundo em que vivemos. A linguagem é dotada de intencionalidade e serve como veículo para a transmissão de ideologias através do uso da argumentação. É um meio pelo qual os indivíduos expressam suas opiniões e procuram o reconhecimento, aceitação e compartilhamento delas. Trata-se de uma ferramenta carregada de intenção, de significado, de valores, de ideologias e é, portanto, um meio de ação.

Segundo Fiorin (2018, p. 9): “O ato de argumentar condiz com uma atitude que faz parte da característica humana da linguagem”. Em um sentido amplo, a argumentação se configura como uma atividade que se realiza no âmbito das relações humanas e sociais. Ela está relacionada à forma como o pensamento humano estrutura o discurso, tornando-o uma forma eficaz e persuasiva de comunicação. O discurso argumentativo tem como objetivo convencer o interlocutor ou público e, para isso, utiliza definições, fatos, acontecimentos, opiniões e pressupostos para construir sua linha de raciocínio.

A argumentação deve ser utilizada como meio para a construção de um pensamento crítico e responsável, capaz de analisar a realidade de forma mais complexa. Por meio desse recurso, podemos avaliar e refletir sobre as várias perspectivas de uma determinada questão, bem como considerar a opinião e os argumentos de outras pessoas. Além disso, é possível desenvolver habilidades de persuasão que auxiliam na apresentação de ideias e opiniões de maneira mais clara e eficaz.

O HUMOR CRÍTICO

O humor crítico pode ser caracterizado pela sua capacidade de comentar e criticar situações, pessoas e assuntos, utilizando termos e expressões que podem ser divertidos, mas também ácidos e sarcásticos. Ele é frequentemente usado para desmascarar e denunciar a hipocrisia, a injustiça e a iniquidade do mundo moderno. Por meio desse tipo de humor, os humoristas buscam expor os absurdos da sociedade e provocar o riso do público para que este possa refletir sobre as questões abordadas. O



humor crítico também pode ser usado como uma forma de autocrítica, para examinarmos os próprios preconceitos e permitir às pessoas se verem de uma maneira nova.

Esse tipo de humor é uma das principais características do gênero textual charge. Embora não aborde somente questões políticas, as charges nos instruem para um discurso que se correlaciona com acontecimentos do dia a dia e diversos aspectos do comportamento humano. Com isso, a charge se torna uma ferramenta eficaz para discutir temas relacionados à política, às relações sociais e aos problemas cotidianos, sempre com a intenção de provocar o riso e o pensamento crítico.

Em charges, esse tipo de humor é construído a partir da ironia e da sátira, recursos que se utilizam para criticar e denunciar a realidade através de desenhos e/ou textos. É possível notar uma crítica nas charges que abordam temas relacionados à corrupção, ao abuso de poder, à desigualdade social, à guerra, ao consumismo e à desigualdade de gênero.

Além disso, o humor presente nas charges também pode ser usado para destacar as diferenças entre as classes sociais, para satirizar as instituições e a cultura de massa, ou para zombar de grupos de pessoas ou de crenças religiosas. Em suma, o humor crítico presente nas charges é uma importante forma de expressão que utiliza o humor para criticar e debater questões relevantes do cotidiano. Trata-se de uma tática utilizada para conscientizarmos as pessoas sobre questões sociais e políticas, e para estimular o debate sobre esses temas.

Muitas pessoas não entendem as mensagens repassadas e os efeitos que as charges tentam transmitir se não buscarem compreender o contexto sócio-histórico-discursivo ao qual a charge está atrelada e não possuírem conhecimentos prévios. Para compreendermos melhor os efeitos de sentido do gênero, é necessário compreender seu contexto, as referências culturais usadas no desenho e a intenção do autor. É importante também entender como é construída a mensagem dentro da charge.

As charges podem carregar fortes cargas simbólicas e serem repletas de sentido, mas é necessário que a pessoa conheça os elementos que as compõem, para que possa entender o seu significado. Se não houver conhecimento prévio sobre o contexto referido, o seu sentido pode ser perdido ou mal interpretado. Por isso, é importante que a pessoa tenha o conhecimento necessário para poder compreender o sentido.



A charge só será engraçada para o leitor quando este perceber a relação de humor entre o discurso imagético e o linguístico, e quando tiver a percepção de compreender a referência fora das questões políticas. Assim, uma boa charge deverá ser divertida, mas ao mesmo tempo provocativa, representando-se de forma bem-humorada situações pertinentes ao contexto de momento, de forma a estimular a reflexão do leitor sobre temas diversos, sejam eles políticos, históricos, econômicos, sociais, etc.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: METÁFORAS SITUADAS EM CHARGES

Nesta seção, apresentamos as análises de duas charges retiradas do Google e uma do Facebook. Em cada uma delas, destacamos a metáfora selecionada, assim como a respectiva análise. Buscamos refletir sobre o humor crítico presente nessas produções, tendo como foco a crítica relacionada a assuntos polêmicos.

Dentre as charges escolhidas, optamos por: “Um discurso sem pé nem cabeça”, que faz referência ao pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro no dia 24 de abril de 2020, ocasião em que realizou um balanço da pandemia da COVID-19 no Brasil; “Armas para todos/Uma luz no fim do túnel”, que aborda a temática polêmica do porte de armas; e, por fim, “Em estado grave”, que problematiza a situação da economia brasileira, representada em estado crítico em razão da conjuntura de emergência econômica.

Figura 1: Um discurso sem pé nem cabeça





Fonte: Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/TarcisioMottaPSOL/photos/vale-tudo-no-governo-bolsonarocharge-de-nando-motta/1562782333896033>

O então presidente Jair Bolsonaro pronunciou-se no dia 24 de abril de 2020, fazendo um balanço da pandemia da COVID-19 no Brasil. No entanto, o ministro Paulo Guedes atraiu os holofotes durante o pronunciamento devido a uma foto em que apenas ele se encontrava de máscara em meio à pandemia. Além disso, o ministro era o único sem paletó e, aparentemente, estaria sem sapatos. A imagem gerou diversas críticas ao governo e ao ministro Paulo Guedes.

A fotografia mostrava a despreocupação do governo com as medidas de higiene em meio à pandemia. Além disso, a situação de Paulo Guedes, sem máscara e sem sapato, chamou bastante atenção por se tratar de uma pessoa de alto poder aquisitivo. Depois do ocorrido, percebeu-se que o ângulo da foto dificultou o reconhecimento dos sapatos. Entretanto, até que isso fosse esclarecido, o assunto já havia repercutido nas redes sociais.

O autor da charge analisada, Nando Motta, aproveita os detalhes literais e cria a charge como humor crítico. Nela, Bolsonaro compactua com as ausências de Guedes, fazendo um discurso verdadeiramente “Sem pé e nem cabeça”. O humorista busca representar essa condição de vazio, não só do ministro, mas do próprio governo, que não tem propostas concretas para o país, apenas um vazio de discurso. Nesse sentido, Motta se apropria da imagem do ministro, que se tornou uma espécie de marca, para criar esse ato crítico.

A charge é uma sátira ao vazio de propostas do governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, que se caracteriza pelo discurso vazio e sem conteúdo, além de questionar a ausência de Paulo Guedes em diversos eventos oficiais.

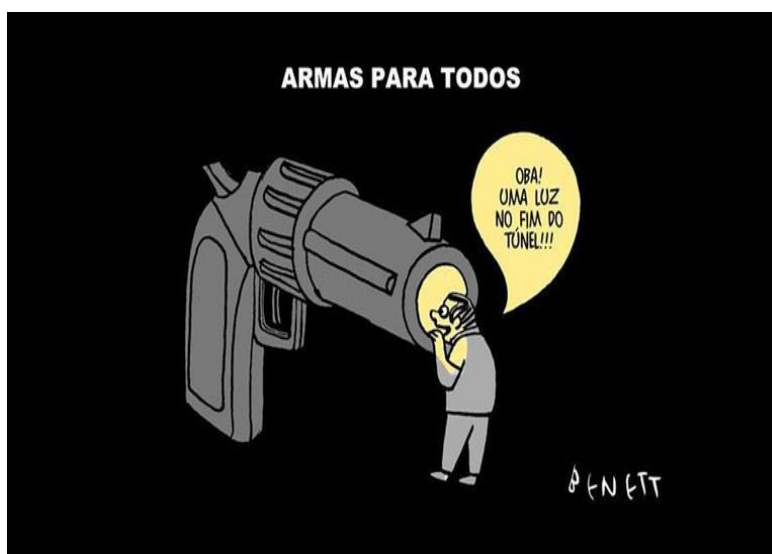
Para fazer uso do humor, Motta coloca, de um lado, Guedes com falas literais e, de outro, Bolsonaro com falas conotativas e também ambíguas. A brincadeira consiste em criar uma associação de sentidos, com o objetivo de fazer o leitor pensar. Motta joga com o campo semântico de Guedes e Bolsonaro, utilizando a metáfora para ampliar o sentido das palavras.



A associação dos termos “nu” e “vestir” remete à ideia de que o ministro está desprovido de argumentos para se defender das críticas. O humor é o efeito provocado pela diferença entre o que é dito e o que é entendido pelo público. O humorista cria uma situação em que o que é dito pode ser interpretado de duas maneiras diferentes: uma literal e outra conotativa.

Dessa forma, a expressão conotativa tem a função de complementar a denotativa, tornando o significado do termo mais amplo. A expressão "sem cabeça" é usada para descrever pessoas que não pensam antes de agir, que não são racionais. Já a expressão "sem pé" é usada para descrever pessoas que são inconstantes, que não conseguem ficar em pé (por exemplo, que não conseguem manter um trabalho por muito tempo).

Figura 2: Armas para todos/Uma luz no fim do túnel



Fonte: Tribuna da Internet. Disponível em: <http://www.tribunadainternet.com.br/assessorado-pelo-major-jurista-bolsonaro-erra-de-novo-odecreto-do-porte-de-armas/>.



O título da charge, “Armas para todos”, somado à metáfora “Uma luz no fim do túnel”, pode levantar muitas questões a serem discutidas. A notícia aborda um tema polêmico, e, ao analisar com mais atenção, o título e a imagem podem ser interpretados de forma negativa por aqueles que são contrários à liberação da posse de armas. Nesse caso, o título pode ser uma referência à possibilidade de um aumento do número de ataques armados, já que “armas para todos” significa que qualquer pessoa poderá ter acesso a elas, inclusive criminosos. Já a imagem do balão pode ser interpretada como uma forma de ironia, uma vez que, ao invés de representar um “fim de túnel”, o balão pode ser visto como um símbolo de perigo, já que pode disparar a qualquer momento.

Ao mostrar o contraste entre o que o sujeito vê no fundo do túnel e o que há apontado para a sua cabeça, a charge faz uma crítica à popularidade do discurso da liberação das armas, que, segundo alguns, aumentaria a sensação de segurança. O problema é que a liberação das armas não contribui para a diminuição da violência; ao contrário, contribui para aumentá-la. Além disso, essa ideia de que a arma aumentaria a sensação de segurança é questionada na charge. Muitas pessoas pedem pela liberação das armas porque alegam que o Estado é “incompetente” para proteger seus cidadãos.

A morte é a resposta ao que se diz ser “vida”. A mão que segura a arma é invisível, mas a arma apontada é bem visível. O túnel é a arma, a arma é o túnel; ambos são elementos que fazem parte da construção de uma representação. A arma apontada é uma arma de fogo, uma arma que pode causar a morte. O túnel é a arma, é a representação da arma. A arma é a representação do túnel. A arma é a morte, o túnel é a vida. O túnel é a metáfora da vida, a arma é a metáfora da morte.

Em suma, analisando a charge do ponto de vista do nível semântico, é possível identificar que a linguagem é utilizada de forma ambígua, de maneira a manter a atenção do leitor e como meio de ironia e crítica. Diante disso, é importante salientar que a linguagem não é neutra.

Figura 3: Em estado grave



Fonte: Tribuna da Internet. Disponível em: <http://www.tribunadainternet.com.br/alguem-precisa-dizer-logo-ao-presidente-jair-bolsonaro-e-a-economia-estupido/>

Observamos, na figura 3, que a junção entre recursos visuais e linguísticos constrói sentidos específicos. Observando as expressões usadas na charge, podemos definir que se trata de um organismo cuja saúde está bastante debilitada. Esse organismo se identifica dentro da charge com “paciente” e “economia brasileira”. Observamos que o paciente está em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI) e que ele está em uma maca com uma bolsa de sangue, o que nos leva a concluir que necessita de uma transfusão.

A análise da charge revela que o humor político pode ser classificado em diferentes tipos. Entre eles, destacamos o humor crítico, que aponta deficiências e problemas de determinado grupo social ou instituição, e o humor satírico, que ridiculariza as ações de um grupo social ou instituição. Na charge analisada, percebemos que o humor crítico é o mais presente. Isso pode ser explicado pelo fato de que a crítica é uma das principais formas de humor utilizadas pelos cartunistas para denunciar problemas sociais.

A metáfora "economia é um organismo em estado grave" surge da articulação entre os três pontos: paciente, estado vegetativo e o fato de que só respira com o auxílio de aparelhos. Podemos concluir que a economia do país, representada pelas expressões



“está em estado vegetativo”, “só respira com auxílio de aparelhos” e “está em estado grave”, representa o índice de inflação no país.

A cena sugere que o estado vegetativo da economia é devido à atual situação de emergência econômica, que se caracteriza pela grande alta nos preços dos produtos e serviços. A figura do paciente está relacionada à situação de emergência econômica, pois a economia brasileira está em estado grave. A charge sugere que a economia do país está mal, devido à atual situação de emergência econômica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos analisar o papel da metáfora no humor crítico enquanto estratégia argumentativa. Inicialmente, fizemos uma breve discussão acerca da cognição humana, destacando o papel das metáforas nesse processo. Em seguida, abordamos o contexto histórico e, logo após, analisamos o uso da metáfora em charges com humor crítico.

Após as análises, concluímos que o uso da metáfora como estratégia argumentativa no humor crítico leva o indivíduo a considerar a diversidade de perspectivas para compreendê-la, uma vez que a percepção do que é humor está presente em situações específicas, dependendo da história de vida e das experiências de cada indivíduo.

Podemos concluir que a metáfora é uma ferramenta que contribui para uma maior empatia entre o indivíduo e o humor crítico, pois a diversidade de sentidos construídos em decorrência deste recurso auxilia o indivíduo a perceber o humor como uma forma de expressão e crítica às situações por ele vividas e a outras que não lhe são próprias. Isso ocorre uma vez que a metáfora é de fácil compreensão e, ao mesmo tempo, ao a utilizarmos como estratégia argumentativa, o humor crítico torna-se acessível para o indivíduo, além de ser uma ferramenta que contribui para a construção de um olhar crítico do mundo.

Diante disso, a metáfora não deve ser analisada somente como um recurso estilístico, mas como uma ferramenta argumentativa que precisa ser decifrada para que se possa compreender o seu funcionamento. Aprender a decifrar a metáfora é, antes de



tudo, um exercício de interpretação, e o processo de interpretação deve ser guiado pelo princípio da argumentação.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES (382-322 a. C). **Retórica. 2 ed., revista. (obras completas de Aristóteles.** Coordenação: Antônio Pedro Mesquita. Tradução e notas: Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Penha). Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da moeda, 2005.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso** (1952-1953). In.: Estética da criação verbal. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil platôs. Vol. 1. Trad. de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2000.]

FIORIN, José Luiz. **Argumentação.** 1. ed. 4. reimpr. São Paulo: Contexto, 2018.

FREUD, Sigmund, **A Interpretação dos Sonhos.** Trad. Luísa Bastos. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 468).

GIBBS, Raymond. W. Jr. **Figurative thought and figurative language.** Handbook of psycholinguistics. In: M. A. GERNSBACHER (ed.) San Diego: Academic Press, 1994a., pp. 211-446.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e Linguagem.** São Paulo: Cortez, 2011.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Metaphors we live by,** The University of Chicago, Chicago, 1980.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica** 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária.** São Paulo: Cultrix. 1993.

ORTONY, Anthony. **Metaphor and thought.** 2a. Ed. Cambridge: CUP, 1993

RIBEIRO, Manoel Pinto. Gramática aplicada da língua portuguesa. 17 ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 2007.

PEREIRA, M. A. L., **A Metáfora na Argumentação.** Campinas: Mercado das Letras, 1999, p. 73.

